

Ensino Remoto e Necessidades Específicas: o papel da escola e das famílias**Remote Education and Specific Needs: the role of schools and families**

DOI:10.34117/bjdv6n10-020

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 02/10/2020

Carla Beatriz Carvalho

Mestranda em Educação, Pós-graduada em Educação Tecnológica e Educação Especial
Professora AEE (Atendimento Educacional Especializado)

E-mail: psicopedagogacarlabeatriz@gmail.com

Fernanda Adorno Martins

Mestranda em Educação, Pós-graduada em Tecnologia, linguagens e mídias em educação e Banco
de dados e graduada em Ciência da Computação

Professora de informática em escola de ensino técnico

E-mail: fernandaadorno2019@gmail.com

Jaqueline Maissiat

Doutora em Informática na Educação. Professora no Instituto Federal do Triângulo Mineiro
Professora Permanente do Mestrado de Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito
Santo

E-mail: jaquelinemaissiat@iftm.edu.br

Jhocasta de Castro Barbosa

Licencianda em Formação Pedagógica para a Educação Profissional e Tecnológica, Pós-graduada
em Auditoria em Sistemas de Saúde, e graduada em Administração

Professora de informática em escola de ensino técnico

E-mail: jhcastacastro@gmail.com

Tamires Elaine Barbosa Reis

Mestranda em Educação, Pós-graduada em Administração escolar e Psicopedagogia

Professora 30 horas, Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, RJ

E-mail: tamiresreis.pedagogiauerj@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa, a partir das atuais políticas públicas de implementação do ensino remoto na situação de pandemia, identificar as possíveis dificuldades das mães de estudantes com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem, dos anos iniciais do ensino fundamental na faixa etária de 6 a 12 anos, para ajudarem seus filhos com as atividades escolares. Para isso, foi utilizada a metodologia de estudo de caso, descritivo e exploratório tendo os dados obtidos de forma quantitativa e qualitativa, por meio de formulário eletrônico disponibilizados nas redes sociais Facebook e WhatsApp. A partir dos resultados, foi possível observar que houve uma alteração na rotina diária das famílias e houve um equilíbrio quanto a realização das atividades entre os que oscilaram e os que não estão respondendo bem às atividades, e apenas um pequeno percentual responde bem a essas atividades remotas. Mesmo com o uso da tecnologia nas atividades para apoio alguns demonstraram não gostar das atividades enviadas pela escola e as mães encontraram

dificuldades em ajudar seus filhos nessas tarefas. Portanto, este estudo visa uma reflexão sobre os desdobramentos do ensino remoto.

Palavras-chave: Escola, Ensino remoto, Educação inclusiva.

ABSTRACT

The present work aims, from the current public policies for the implementation of remote education in a pandemic situation, to identify the possible difficulties of mothers of students with disabilities and/or learning difficulties, from the early years of the elementary school in the age group of 6 to 12 years old, to help their children with school activities. For this, the case study methodology was used, descriptive and exploratory, having the data obtained in a quantitative and qualitative way, through an electronic form available on the social networks Facebook and WhatsApp. From the results, it was possible to observe that there was a change in the daily routine of the families and there was a balance regarding the performance of activities between those who oscillated and those who are not responding well to the activities, and only a small percentage respond well to these remote activities. Even with the use of technology in support activities, some showed that they did not like the activities sent by the school, and mothers found it difficult to help their children with these tasks. Therefore, this study aims to reflect on the consequences of remote education

Keywords: School, Remote education, Inclusive education.

1 INTRODUÇÃO

As notícias mais concretas sobre o Corona vírus no Brasil começaram no mês de fevereiro e no dia seis foi sancionada a lei sobre as medidas que poderão ser adotadas para enfrentamento decorrente da COVID-19 no país, lei da quarentena (BRASIL, 2020). No dia 11 de março, segundo o G1. GLOBO, o Distrito Federal “foi a primeira unidade da federação a estabelecer medidas de distanciamento social”. Ainda segundo o jornalismo, “Ações similares foram tomadas nos dias seguintes em estados como São Paulo, em 16 de março, e Rio de Janeiro, em 17 de março”. Os demais Estados também passaram a tomar medidas de quarentena. E assim como em outros países como medida de segurança houve a orientação por parte das autoridades do Brasil (Governadores e Prefeitos) e da OMS para que houvesse o isolamento social. As aulas foram suspensas em várias cidades do território nacional, a princípio por 15 dias e depois o Ministério da Educação, “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (BRASIL, 2020). Esse adiamento foi sendo prorrogado e o Conselho Nacional de Educação através de seu portal inicia o processo de esclarecimento de dúvidas sobre o ensino no país durante a pandemia coronavírus (MEC, 2020).

Muitos estudantes ainda continuam sem as aulas presenciais em todas as etapas de ensino e concomitantemente ao período de isolamento essas escolas começaram a trabalhar em atividades a distância, elaborando vídeo aulas, preparando conteúdos digitais, realizando web conferências,

enviando atividades para os alunos com o objetivo de minimizar a defasagem curricular e manter a aproximação com os estudantes.

As opiniões são diversas sobre a prática da escola dentro desse contexto, se estariam gerando mais exclusão ou se realmente essa seria a melhor solução. Diante desse cenário crítico temos ainda a Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva que perpassa por todas as modalidades de ensino. Surge então a questão: Como estão esses estudantes no que diz respeito a sua relação com a escola, a aprendizagem e o conteúdo diante desse cenário atual?

O presente trabalho visa identificar as possíveis dificuldades das mães de estudantes com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem para ajudarem seus filhos com as atividades escolares, e também refletir sobre essas atividades que estão sendo enviadas pelas escolas para serem feitas nas casas dos estudantes, principalmente para os estudantes com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para alcançar os objetivos propostos desta pesquisa foi feita uma pesquisa quantitativa e qualitativa através de um formulário estruturado visando observar a subjetividade das respostas. Para tal, teremos as seguintes sessões: a educação inclusiva e o momento atual com uma visão a respeito da educação a distância e os elementos que a constituem destacando sua importância nesse processo, a metodologia aplicada para análise da pesquisa, os resultados e discussões para tratar sobre os aspectos relacionados à coleta de dados sistematizando e descrevendo sobre a deficiência e /ou dificuldades dos filhos e sua faixa etária, a criança e a realização das atividades com o ensino remoto, a rotina diária e suas dificuldades, as conclusões sobre a pesquisa e as respectivas referências utilizadas durante toda apresentação do trabalho.

2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O MOMENTO ATUAL

Acredita-se que esse seja um momento histórico único, poucas pessoas viveram uma experiência semelhante, um momento ímpar que acaba trazendo novos desafios, antes apenas presente no imaginário e nas expectativas de muitos. Professores e profissionais da educação de todos os cantos do mundo vivenciam e experimentam essa mistura de sensações e tentam se adequar aos novos desafios. Estratégias estão sendo pensadas na tentativa de erro e acerto. Todos estão sendo levados para uma mesma direção e sendo afetados profundamente do mesmo jeito. Não houve processo, apenas mudança e Freire (1967, p. 46) deixa claro que “...o tempo de trânsito é mais do que simples mudança”. Tendo em vista que trânsito nesse contexto seria uma visão de processo, de tempo e de construção para uma mudança na escola enquanto estrutura, currículo, práticas e formação do seu professorado, o desafio agora é avaliar os efeitos dessa mudança momentânea, mas

drástica na configuração educacional, sem que tenha havido um processo de adaptação, pois essas mesmas escolas ainda ontem tinham um ensino presencial e agora devem se adaptar a esse contexto de isolamento.

Esse novo formato faz com que os professores saiam de suas salas de aula e transformem suas casas, que antes eram ambientes apenas de estudo, descanso e relações familiares e em espaços de ensino não formal, com proximidade com as famílias e estudantes, sem que tenham a opção de escolha. Muito embora essa relação escola e família sempre tenha sido alvo de estudo e muito defendida por diversos autores, a exemplo de Oliveira e Marinho-Araújo (2010) que analisam questões referentes à relação família-escola e Crepaldi (2017) com uma reflexão sobre a participação da família na escola para a construção do desenvolvimento do(a) aluno(a).

As aulas à distância em tempos de quarentena trazem desafios para os professores e alunos, o momento é de reflexão. Sobre as tecnologias na educação a distância Moran, Masetto e Behrens (2006, p. 60) já diziam que: “O ensino será um mix de tecnologias com momentos presenciais, outros de ensino on-line, adaptação ao ritmo pessoal, mais interação grupal, avaliação mais personalizada (com níveis diferenciados de visão pedagógica)”. Claudia Costin, uma das maiores especialistas em políticas educacionais e públicas do Brasil ressalta que” o mundo em desenvolvimento vive uma crise na educação, mas que pode se transformar em oportunidades” (COSTIN, 2016).

Cabe ressaltar que depois de todo esse processo ainda há de se levar em conta algumas questões como: Quem está recebendo esses conteúdos? Quem está praticando os conteúdos recebidos? Quais são as suas dificuldades naturais e dificuldades momentâneas causadas pelo isolamento social? Dificuldades que podem ter origem psicológica ou financeira, entre outros. E principalmente como estão os estudantes que possuem alguma necessidade específica ou dificuldade de aprendizagem. Segundo a LBI (2015), Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência em seu artigo 2º:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para o termo dificuldade de aprendizagem, existem várias definições, desde as mais tradicionais que perpassam pela questão da deficiência ou desordem psicológica e neurológica até as mais atuais. Levando em conta que a LDB (1996) diz que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades

percebe-se que a questão do acesso ao currículo por esses estudantes já encontra barreiras naturais e dentro da sala de aula no ensino presencial essas crianças já esbarram com inúmeros desafios.

3 METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo identificar as possíveis dificuldades das mães de estudantes com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem para ajudarem seus filhos com as atividades escolares utilizando a educação a distância na qual está sendo aplicada como forma de levar a aprendizagem neste momento atual que se encontra as escolas brasileiras. Para isso foi utilizada a metodologia de estudo de caso que possibilita a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real (YIN, 1994, p. 1) sendo definido como descritivo e exploratório. Os participantes da pesquisa foram selecionados a partir de grupos do Facebook e WhatsApp de mães que possuem filhos com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem e oitenta e quatro (84) mães responderam ao questionário entre os dias 28 de abril e 01 de maio de 2020. Antecipadamente foram informadas sobre os critérios de utilização das respostas para fins acadêmicos e que deveriam ser autorizadas para este fim.

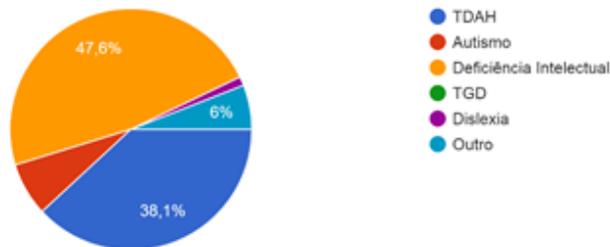
Por ser uma ferramenta gratuita e viável para sistematizar os resultados tanto quantitativo e qualitativo (MONTEIRO; SANTOS, 2019, p.34), a coleta de dados foi feita através de um formulário criado no Google Forms com perguntas e respostas. No total foram 10 perguntas sendo que 9 foram de múltipla escolha, com 1(uma) opcional que dependia de uma resposta da mãe e a última pergunta (10) aberta para sugestões das mães para análise qualitativa dos resultados que segundo André (1983, p.66), “permitem apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural”. Todos comentários descritos neste trabalho serão identificados por nomes fictícios para preservar o anonimato dos participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas obtidas por meio do formulário enviado nos grupos do Facebook e WhatsApp de mães que possuem filhos com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem, foi possível reunir os dados e refletir sobre eles buscando alcançar os objetivos propostos neste trabalho. Das 84 mães que responderam ao questionário 51,2% tem filhos entre 9 e 12 anos e 48,8% tem

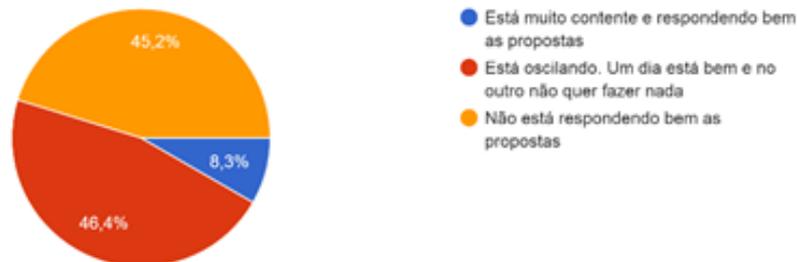
filhos entre 6 e 8 anos. Todos matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entre as deficiências e/ou dificuldade dos filhos 47,6% tem deficiência intelectual, 38,1% tem TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), 6,0% Autismo, 2,3 % Dislexia e 6,0% conforme mostra a Figura 1:

Figura 1- Deficiência e/ou dificuldade do filho



As mães avaliaram sobre a realização das atividades propostas pela escola nesse momento de quarentena para seus filhos e 46,4% responderam que seus filhos oscilam quando se refere a prática das atividades e 45,2% não estão respondendo bem as atividades conforme mostra a Figura 2:

Figura 2 – Situação do filho com as atividades remotas



Naturalmente isso é previsível e aceitável, Zagury (2006, p. 41) nessa perspectiva aponta:

Toda criança pode apresentar dificuldade nos estudos em algum momento do processo ou mesmo desde o início dele; é normal e perfeitamente compreensível. O que o aluno precisa, e deve receber por parte da família e da escola, é de todo o apoio para que possa superar tais dificuldades o mais rapidamente possível. No entanto, a falha ainda assim persiste, em alguns casos.

O Estatuto da Criança e do adolescente reforça que o direito a uma educação de qualidade com respeito às diferenças deve ser assegurado (BRASIL, 1990) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica em parágrafo único cita:

O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado (BRASIL, 2001).

Mesmo tendo a tecnologia como suporte e ferramenta de auxílio 42,9% responderam que o filho não quer ou não gosta da atividade enviada pela escola e 23,8% das mães tem dificuldade em ajudar a criança nas atividades. Embora apenas 9,5% tenham dificuldades com os aparatos tecnológicos e 13,1% dizem que não possuem nenhuma dificuldade, algumas mães relataram que a criança sempre reclama, que as atividades não estão de acordo com as necessidades dos filhos. Portanto, é fundamental dizer que o professor deve estar apto e capacitado para assumir esse trabalho e “torna-se importante que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às peculiaridades apresentadas pelos alunos” (SANT'ANA, 2005, p. 228). Não obstante a isso é importante ressaltar que:

A aprendizagem é processo cuja matriz é vincular e lúdica, e sua raiz é corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. Para dar conta das fraturas do aprender, é necessário entender os processos e não os resultados ou rendimentos (SUPRIANO, 2014, p. 150).

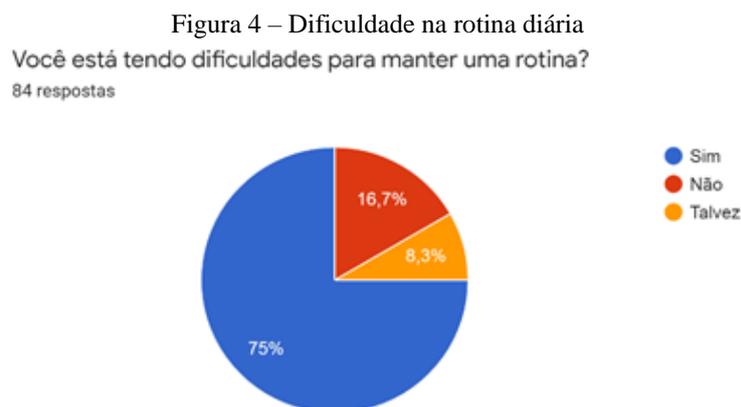
Das mães participantes apenas 32,1% possuem outros filhos e quando questionadas quanto à comparação do desenvolvimento entre eles a respeito das atividades 70,7% das mães afirmam que não tem comparação e que o filho com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem está sendo muito prejudicado se comparado ao filho que não possui deficiência ou dificuldade.

Sobre as possíveis dificuldades dos filhos nas atividades remotas as respostas ficaram bem equilibradas. 33,3% atribuíram a dificuldade ao momento atual que está sendo muito difícil para todos. Já 32,1% atribui as dificuldades próprias da criança e 23,8% acreditam que as atividades que a escola está elaborando e enviando não estão atendendo as necessidades das crianças. Os recursos tecnológicos podem ser uma ferramenta de apoio e suporte, mas para isso o professor deve saber como utilizá-lo.

Entretanto, dependendo do tipo de software usado e do tipo de envolvimento do professor na interação aluno-computador, o aluno pode ou não compreender o que ele realizou. Por outro lado, existem atividades que podem ser realizadas com o computador, que forcem o aluno a buscar informações, processá-las e utilizá-las na resolução de problemas, permitindo a compreensão do que faz e a construção do seu próprio conhecimento (VALENTE, 1995, p. 42).

Essas dificuldades podem ser destacadas em alguns depoimentos das mães quando dizem que: “Acho que a aula a distância deveria ser adaptada de acordo com as necessidades da minha filha. O que não ocorre. Estão ministrando conteúdos novos inclusive com provas sendo que minha filha nem alfabetizada está” (M1), “Falta um pouco mais de aulas lúdicas” (M2), “Em casa não consigo fazer ela se concentrar nas atividades” (M3). Repensar sobre os processos educacionais e uma alteração de postura frente às necessidades dos alunos deve ser considerada.

A rotina diária das mães foi afetada e 75% das mães responderam não estar conseguindo manter sua rotina como antes e apresentam dificuldades. Nos depoimentos isso foi observado com bastante ênfase: “A escola enviou muitas atividades como se a criança estivesse em horário normal, isso dificultou um pouco a situação, principalmente porque estou trabalhando em home Office” (M4), “É difícil a adaptação presencial imagina à distância?” (M5). Na figura 4 mostra claramente esse percentual:



Em resumo, são outros desafios diante da nova rotina.

5 CONCLUSÃO

Observa-se que as mães são um filtro por onde passa agora, além de todas as outras demandas atuais e típicas de mães de pessoas com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem diversas responsabilidades além das que já possuem. Cabe ressaltar que as crianças nessa faixa etária 6 a 12 anos costumam ser dependentes de ajuda de alguém responsável e levando em conta o público alvo da pesquisa essa dependência torna-se maior. No decorrer deste trabalho notadamente foi possível perceber a importância da família e da escola nesse momento de isolamento social para os alunos com necessidades específicas e que as atividades remotas devem ser repensadas com intuito de alcançar uma parte maior dos alunos. O professor é uma peça fundamental. Dinamizar e entusiasmar os alunos fará toda diferença.

Deste modo, esta pesquisa, na condição de investigação preliminar contribui para uma reflexão das práticas docentes frente ao contexto atual e como sugestões para pesquisas futuras aplicações remotas contextualizadas e aplicáveis de forma mais específicas aos alunos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, n. 45, 1983. p. 66-71. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1491/1485>. Acesso em: 26 mai. 2020.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 26 mai. 2020.

_____. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução Nº 2, de 11 de setembro de 2001 Brasília: CNE/CEB, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> . Acesso em: 26 mai. 2020.

_____. LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020. Publicado em: 06/02/2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979.htm. Acesso em: 11 abr. 2020.

_____. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Brasília: DOU DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Publicado em: 18/03/2020, ed.53, seção 1 p.39. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 11 abr. 2020.

COSTIN, C. O desafio da educação no século 21, por Claudia Costin. Mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9KfkEKSkmq0>. Acesso em 26 mai. 2020.

CREPALDI, E.M.F. A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno. EDUCERE, XIII Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

G1. GLOBO. Coronavírus: veja a cronologia da doença no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>

LBI. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 24 mai. 2020

LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 mai. 2020.

MEC. Ministério da Educação. Mar. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/87161-conselho-nacional-de-educacao-esclarece-principais-duvidas-sobre-o-ensino-no-pais-durante-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MONTEIRO, R.L. de S.; SANTOS, D.S. A utilização da ferramenta google forms como instrumento de avaliação do ensino na escola superior de guerra. *Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação*, v. 4, n. 2, 2019. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/72>. Acesso em 26 mai. 2020.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus. 10ª ed., 2006.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Campinas*, v.27, n.1, p. 99-108, mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 mai. 2020.

SANT'ANA, I. M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicol. estud.*, Maringá, v.10, n. 2, p. 227-234, ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 mai. 2020.

SUPRIANO, F. Identidade, relações familiares e as implicações na aprendizagem. *Arterevista*, n.4, ago./dez. 2014, p.145-157. Disponível em: <http://www.fpa.art.br/ojs/index.php/teste/article/view/54>. Acesso em: 26 mai. 2020.

VALENTE, J.A. *Informática na educação: conformar ou transformar a escola*. Perspectiva, Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 24, 1995, p. 41 – 49.

YIN, R.K. *Case Study Research Design and Methods*. Applied Social Research Methods Series. v. 5, 1994.

ZAGURY, T. *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro, Record: 2006, 4ª ed.